

GUERRA E PAZ

(Especial para o "Correio do Povo")

Gustavo Corção

Anuncia-se que a Campanha do Desarmamento Infantil oriunda da Suécia, e destinada a combater os brinquedos que despertam nas crianças instintos guerreiros, já chegou no Brasil e foi saudada pela Associação Brasileira de Imprensa que, sempre em dia com os grandes empreendimentos e as grandes ideias, não podia deixar de assinalar sua adesão a esse filantrópico movimento, etc. etc. A primeira impressão que senti, ao ver a notícia e os cartazes de propaganda, foi a de estar chupando uma pastilha adocicada e cor de rosa. Ou a de estar ouvindo dizer, pela caçula, que vem aí, num helicóptero, o Papai Noel. Não pense o leitor que eu esteja zombando da ideia escandinava. Zombem meu apoio? Lá vai! Se insistirem, sou capaz de dar entrevista declarando que se trata de uma louvável iniciativa, que infelizmente chega tarde em minha casa, porque o único filho varão tem hoje mais de trinta anos e ganhou um monte de brinquedos belicosos. Sem as sólidas bases doutrinárias do pacifismo elaborado em Estocolmo, eu dava os brinquedos ao meu filho sem me passar pela ideia que do canhão de mola e da espada de lata me saísse um guerreiro. E não salu. Tudo aqui, na forja da adolescência, sublimou-se, transubstanciou-se, e quando eu abri os olhos tinha diante de mim um poeta. Conheço diversos exemplos, na família e nas relações, que confirmam minha experiência e que testemunham a mesma rica complexidade da alma humana. Não parece então verdadeira a premissa em que se baseia o grande movimento, a premissa psicológica pela qual a criança que brinca, com revolver dá um adulto belicoso. Além disso cumpre notar que também é falsa a ideia de que há guerras porque os homens sejam belicosos. Das antigas, de Julio Cesar a Napoleão, ainda podemos falar como de feitos em que o caráter marcial predomina. A partir de 1914, como tão bem assinalou Bernanos, modificou-se o espírito da guerra, desapareceu o soldado, e em lugar dele apareceu um pobre diabo meio técnico meio burocrata arrancado às doçuras do lar. O símbolo da primeira grande guerra foi o "cafard" das trincheiras. Foi antes de tudo uma tremenda e universal chateação, produzida pelas chancelarias e passivamente carregada por povos moralmente desarmados. Se houvesse no mundo, maior número de verdadeiros combatentes, seria menor o número de guerras. Reciprocamente estamos sempre sob ameaça de uma guerra terrível "faute de combatents."

Sinceramente, não acredito na correlação entre a guerra e o soldado de chumbo. Poderia admitir, isto sim, certa influência maléfica desses brinquedos de armas nos costumes de nossos serões, onde matar é bonito, ainda que atrás do pau. Mas lá não chegam os brinquedos, nem são necessários, porque os próprios pais, pelo exemplo e pela palavra, transmitem aos filhos o prazer do homicídio. Lampeão brincou de Lampeão com pistolas de verdade. E se é assim, não vejo onde aplicar esta simpática Campanha que me parece tão ingenua como a

Sociedade Protetora dos Felinos e como o apostolado do Esperanto.

Em compensação, acredito plenamente em outras correlações. Uma de nossas revistas ilustradas está publicando com grande destaque e grande simpatia as memórias da viúva de Mussolini; e nessas memórias, o sinistro ou cômico impostor que tanto mal fez ao mundo aparece envolto numa nuvem azul de doméstica simpatia. E ainda não vi em nenhum jornal, nenhum cronista, nenhum entrevistado que lançasse um brado de protesto. Aqui vai o meu, atrasado. Essa apologia feita com grande aparato de publicidade é perversa e quanto pode ser perversa a mentira e a impostura. Se a velha viu assim o seu Benito é lá com ela; mas não podemos nós tão depressa esquecer o personagem grotesco que espesinou a Itália e que ditou modelo totalitário aos palhaços do Brasil. A mim, essa publicação me soa como uma injúria à memória de minha mãe e como ofensa à dignidade de minhas filhas. É um desafio. E há guerras no mundo porque há jornais capazes de tal tipo de publicidade, e de outro lado uma imensa e mortal indiferença. Vejam bem a incoerência: nos mesmos dias em que defendemos a liberdade de imprensa, ameaçada pelos mussolinis daqui, nos mesmos dias em que um de nossos jornais sofre o vexame de uma ameaça felizmente inócua e ridícula, há uma revista ilustrada que engrandece, que absolve, que pouco falta para canoizar a figura de um malfetor fascista, de um amordaçador de jornais, de um apologista de guerras fáceis contra pretos desarmados!

Já em artigo anterior, a propósito da prisão de Jaime Cortesão e seus ilustres companheiros, lembrei que estive em companhia pouco numerosa quando tive de escrever contra o general fantoche que por aqui passou dizendo representar o povo português. São essas coisas que intranquilizam o mundo. É essa incoerência ou essa facilidade ao esquecimento que enfraquece os países democratas. De que valeu a guerra, e de que valeu tanto sangue se já estamos tecendo elogios a Mussolini?

Aliás, se estamos em vela de pesquisar causas dos grandes distúrbios da humanidade, abramos a tal revista ilustrada, e em cada página teremos uma cauda tributária do caudaloso efeito. A causa profunda da guerra está na depreciação do humano, e tudo que contribui para baixar a cotação do homem contribuirá automaticamente para a guerra. Se a carne humana está barata, se há inflação, se a oferta é maior do que a procura, como se depreende pelo tipo de publicidade do corpo humano, então a guerra e a intranquilidade estão próximas. Há correlação entre guerra e, por exemplo, a publicidade dada aos passos raios das mulheres e homens de luxo, porque se aquilo que eles fazem se chama "amor", então não vale a pena viver, não vale a pena estudar, não vale a pena escrever, não vale a pena pintar, tocar piano ou jogar xadrez. Nada mais vale a pena, se vale a pena publicar o que faz essa gente com suas roupas e seus sexos. Há correlação entre guerra e os concursos imbecis em que um sujeito ganha mil contos por saber de memória as medidas antropométricas de um cantor. Tudo isso são modos e estilos de zombar, de amesquinhar o bizarro ser que ousou afirmar sua transcendência sobre o mundo, e ousou crer no Verbo que se incarnou para ainda mais maravilhosa tornar aquela essência. Ora, esses modos dispersos de espezinhar o humano se acham concentrados e sistematizados nos regimes totalitários. Não há no mundo coisa mais odiosa do que essa política que inventou a transcendência do Estado sobre a pessoa humana, e a partir desse postulado corta as asas dos poetas, amansa os cientistas, amordaça os jornalistas, do mestica romancistas e dita do alto de sua omnisiciência a orientação que convem dar à ciência e às artes. Não há coisa mais torpe, mais cruel, embora muitas sejam as coisas cruéis e hediondas espalhadas por este grande e complicado mundo. O que leva os países à guerra é a injustiça. Ou o pouco amor pela justiça. É tudo isto, e mais os rapazes que aprenderam a dizer: Ora, ora, liberdade de imprensa não existe em lugar nenhum, por causa das pressões econômicas que funcionam nos países imperialistas, etc. etc. A saúde, o otimismo, a satisfação desses rapazes — entre os quais existem católicos avançados — é o afluente da burrice que vem trazer suas águas para o mesmo caudaloso efeito. Coitado do soldadinho de chumbo e da espingarda de rolha nessa pirâmide da iniquidade!

Não, meus caros e filantrópicos amigos, não sinto entusiasmo pela Campanha do desarmamento Infantil. Os filósofos ensinam que a mais subalterna das causas é a causa material, e foi por aí que vocês começaram, como naquela anedota do divã. Chego até a pensar na necessidade de uma campanha para despertar a combatividade das crianças. Sim, num mundo em que os democratas aplaudem o Craveiro, em que um país finge ter maioria católica e com esse engodo convida o Papa para ver se ele vem rezar uma missa em Brasília, e que os jornais se batem com denodo em defesa da liberdade da imprensa e ao mesmo tempo publicam as memórias da viúva de Benito Mussolini, num mundo em que o espírito Totalitário ganha novo o que torna a vida digna de ser vivida num mundo assim feito ou desfeito eu creio que é preciso promover uma Campanha de Armamento Infantil para que alguém amanhã se levante contra as novas ameaças do leviatã. Em termos menos veementes: se nós deixássemos as crianças brincarem com tambor, corneta e revolver, e em compensação tivéssemos nossa vida democrática mais coerente o proveito em prol da paz seria infinitamente maior.